



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 03 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

NATIVOS DIGITAIS E BIBLIOTECAS ESCOLARES: BREVE ANÁLISE

DIGITAL NATIVES AND SCHOOL LIBRARY: BRIEF ANALYSIS

Raquel Miranda Vilela Paiva¹, Adriana Bogliolo Sirihal-Duarte²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo pretende analisar brevemente a relação dos nativos digitais com a biblioteca escolar. Parte-se da premissa que a biblioteca, principalmente no contexto escolar, deve atuar para além do tecnicismo bibliotecômico, ou seja, deve assumir seu papel pedagógico. O bibliotecário atuante nesse cenário deve assumir essa nova função. Nesse sentido, o movimento da competência informacional trouxe novas reflexões e modificou a atuação do profissional. Junto a isso temos os nativos digitais, ou seja, esses alunos que as escolas têm recebido, nascidos depois da revolução causada pela informática e que, por isso mesmo, desenvolveram uma nova relação com a informação. Para tentar compreender o que pensa essa nova geração foi realizada uma entrevista, com as premissas da etnografia, junto a um nativo digital. Essa entrevista, em caráter de pré-teste serviu para verificar a aplicabilidade da ferramenta para a pesquisa futura de doutoramento. Foi possível atestar que a aproximação com o entrevistado foi boa e que há realmente uma lacuna entre esse jovem e a biblioteca de sua escola. Dentre as sugestões do entrevistado, o incremento tecnológico do espaço conviveria em harmonia com o acervo de livros no formato tradicional, ou seja, impresso. Pode-se concluir que ainda há uma distância entre a biblioteca escolar e os nativos digitais que poderá ser superada a partir da ação do próprio bibliotecário.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela ECI/UFMG. Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) Graduada em Comunicação Social-Habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH(1999). Pós-graduanda lato sensu, em Formação de Leitores.

² Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Nativos digitais. Competência Informacional. Pesquisa Etnográfica.

Abstract: *This article aims to briefly analyze the relationship of digital natives with the school library. It starts with the premise that the libraries, especially in schools, must act beyond the library technicism or must assume their educational role. The active librarians in this scenario should assume this new role. In this sense, the movement of information literacy has brought new ideas and changed the role of the professionals. Along with this we have the digital natives, meaning students born after the revolution caused by the computer and, therefore, who has developed a new relationship with information. To try to understand what this new generation think, we conducted an interview to a digital native youth using ethnography premises. This interview, which was a pretest of the research method was useful to verify the applicability of the tool for the doctoral research project. It was possible to establish that the approach to the interviewee was good and that there is actually a gap between this teenager and his school library. Among the suggestions of the respondent, the technological advances should live in harmony with the printed book collection. It can be concluded that there is still a gap between the school library and the digital natives that can be overcome from the librarian own action.*

Keywords: *School Lybrary. Digital Native. Information Literacy. Ethnographic Research.*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dispõe, a partir de dados coletados em entrevista etnográfica, a analisar o que os atuais alunos pensam sobre a biblioteca escolar, a fim de adequar seu funcionamento a estes usuários. O conhecimento da comunidade de usuários é um fator importante para uma atuação eficaz da biblioteca, seja em que contexto for. Assim, conhecer essa atual geração de alunos presentes nas escolas brasileiras é primordial para a prestação de um serviço efetivo.

Os estudos sobre a biblioteca escolar no Brasil remontam à década de 1970, onde um grande número de reflexões discutem as dificuldades enfrentadas do espaço no contexto escolar. Ao se analisar os conceitos de biblioteca presentes na literatura da década de 1970 até os anos 2000, é possível perceber uma evolução que vai desde sua compreensão como depósito de livros até como centro de informações, sendo que, a cada dia mais, esse espaço deve ter seu aspecto tecnológico valorizado.

Assim, a biblioteca escolar passa dos conceitos que a caracterizam como um depósito de livros a um centro de disseminação do conhecimento, em seus mais variados formatos.

Infelizmente, conforme se pode comprovar pelos dados do Censo Escolar de 2013 (INEP, 2014), um grande número de escolas ainda não possui a biblioteca. Em muitos casos, o

que se encontra são salas de leitura, que não possuem todas as possibilidades de uma biblioteca escolar. Espera-se que essa realidade sofra alterações com a promulgação da Lei no. 12.244 de 2010 (BRASIL, 2010) que regulamenta que toda instituição de ensino, seja pública ou privada, deverá ser dotada de Biblioteca. Assim, tem-se a perspectiva de que a biblioteca escolar passe a se tornar presente nas escolas brasileiras.

Para além da necessidade de se trabalhar na implantação desse espaço nas escolas, faz-se necessário que os bibliotecários atuantes nas bibliotecas escolares desempenhem seu papel de educadores, agregando as suas funções técnicas, que são características da profissão, atividades pedagógicas. Além disso, têm que se preocupar em adequar sua atuação ao público alvo, principalmente aos alunos a serem atendidos. Como destaca Castro, “a geração de alunos que as escolas recebem atualmente está cada vez mais envolvida pelos avanços tecnológicos” (CASTRO, 2014, p. 37).

A pesquisa aqui proposta tem como um de seus pressupostos o de que o papel da biblioteca escolar vai além da tradicional formação de leitores. Como destaca Campello (2009),

A ação do bibliotecário não se restringe, pois, à promoção da leitura nem à orientação bibliográfica, mas amplia-se para abranger aprendizagens mais complexas, levando ao aparecimento do conceito de letramento informacional (CAMPELLO, 2009a, p. 11-12).

A função pedagógica da biblioteca escolar necessita ser mais debatida e uma nova postura deve ser assumida pelos profissionais presentes nesse espaço. Essas reflexões estão presentes nos estudos sobre letramento informacional que, conforme Gasque (2012) define,

(...) é um processo de aprendizagem que favorece o aprender a aprender, visto que engloba conceitos, procedimentos e atitudes que permitem ao indivíduo identificar a necessidade de informação e delimitá-la, buscar e selecionar informação em vários canais e fontes de informação, bem como estruturar e comunicar a informação, considerando os seus aspectos éticos, econômicos e sociais (GASQUE, 2012, p. 46).

Esses novos alunos recebem várias denominações por parte de autores, mas todos na ânsia de salientar sua característica mais marcante, que é esse acesso cada vez mais intenso às tecnologias da informação e da comunicação. Para fins deste trabalho, adotaremos o termo “nativos digitais”. Os nativos digitais são aqueles que interagem de forma diferente com os outros. São sujeitos que trabalham, estudam e se relacionam geralmente mediados pela tecnologia. Essa nova interação perpassa desde sua vida pessoal, suas formas de amizade e

também sua relação com a informação (PALFREY; GASSER, 2011).

Diante da necessidade da biblioteca presente no contexto escolar assumir sua função pedagógica e se preparar para atuar com os jovens nativos digitais, o projeto acredita ser fundamental conhecer esse novo público, que se encontra inserido na Sociedade da Informação e imerso em tecnologia. Para uma atuação mais eficaz acredita-se ser necessário compreender como esses alunos pensam e lidam com a biblioteca e com as informações.

A partir dessa compreensão do que pensam os alunos atuais sobre o papel da biblioteca escolar na sua formação, será possível também compreender como esse equipamento e seu bibliotecário devem se adequar para atender às expectativas de seus usuários.

A chamada Sociedade da Informação traz consigo novos paradigmas educacionais como acentua Furtado (2004):

Uma vez que um dos novos paradigmas da educação é aprender a aprender; isto é, adquirir habilidade para aprender, saber obter, utilizar e gerar nova informação; os sistemas de informação tornam-se extremamente importantes, pois podem contribuir para a sua democratização, ou seja, facilitar e aumentar o seu acesso e, mais ainda, contribuir para que a informação recebida transforme-se em conhecimento, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos (FURTADO, 2004, online).

Diante da atual conjectura social, no mundo dominado pela informação, onde os sujeitos têm dificuldades em se inserir nesse processo, o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário ganha destaque, pois esse espaço e esse profissional têm papel importante na formação dos alunos, dentro de uma perspectiva do letramento informacional.

Portanto, o trabalho se propõe a refletir sobre a atuação da biblioteca no contexto escolar, com base na teoria da área, afim de ser possível propor novas formas de atuação, de forma a aprimorar e reforçar as práticas eficientes. Acredita-se que, dessa forma, o trabalho contribua efetivamente para auxiliar aos demais profissionais a conseguir superar as dificuldades em atuar de maneira pedagógica e, principalmente como atuar com os estudantes, aqui denominados nativos digitais.

2 DESENVOLVIMENTO

Como dito anteriormente, a Sociedade da Informação traz consigo novos paradigmas educacionais, que propõem o debate sobre a forma como o sujeito elabora seu conhecimento de forma contínua (Furtado, 2004). Parte-se do pressuposto que o conhecimento não pode simplesmente ser transmitido do professor para o aluno, cabendo a este agora um papel ativo no

processo.

Morin (2006) traz em suas reflexões sobre a educação desse século, a necessidade de se ir além do que estava posto até então. É mais que pensar no aluno como repositório do saber transmitido pelo professor: é pensar na formação de cidadãos terrestres (ou seja, pertencentes a todo planeta e não somente ao seu local de origem), complexos e vivendo em uma sociedade também complexa. Soluções simplistas, que visualizem apenas um ou outro aspecto do problema podem não obter resultados satisfatórios. Essas reflexões não devem ser apenas dos professores, mas também dos bibliotecários, presentes na escola e componentes do processo de ensino-aprendizagem.

Na Sociedade da Informação, em que predominam o volume da informação, a tecnologia e as redes sociais, os sujeitos têm dificuldades em se inserir nesse processo, o que torna o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário fundamentais na formação desses alunos. As premissas do letramento informacional contribuem para a atuação desses no espaço da escola.

Mas, como dito anteriormente, a biblioteca escolar ainda não é um espaço presente em todas as escolas, e sua história lacunar no país pode explicar a razão para tal. Não se pensa em uma escola sem salas de aula, mas presenciamos um grande número de escolas sem biblioteca.

As escolas chegaram ao Brasil junto com os Jesuítas, mas àquela época não se pensava na existência de bibliotecas. Os padres recorriam a acervos pessoais para ter e dar acesso aos livros. A criação das primeiras bibliotecas escolares em terras brasileiras, nos moldes como a conhecemos hoje em dia, se deu através da instalação das Escolas Normais, como destaca Válio (1990), sendo a primeira em 1880.

Somente a partir da metade do século XIX começam a surgir discussões que apontam a necessidade de se criar bibliotecas apropriadas às escolas (SILVA, 2001).

Apesar do papel de destaque dado pela UNESCO à biblioteca escolar, a situação brasileira ainda não é a ideal. Consta-se que, apesar de ter sido uma das primeiras formas de biblioteca implantadas no país, a biblioteca escolar ainda não se solidificou como uma instância de importância reconhecida para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Infelizmente, ainda se encontram escolas que possuem bibliotecas que refletem um conceito restrito, qual seja, de um depósito de livros, em sua maioria os livros didáticos.

Dentre as dificuldades enfrentadas pela biblioteca escolar pode-se citar a falta de conhecimento por parte do corpo docente do papel e das possibilidades desse espaço no

processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2001). O Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar atribui a ela a missão de promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (IFLA/UNESCO, 2009).

A partir do ano 2000, chegou o termo competência informacional na literatura brasileira de biblioteconomia e ciência da informação, trazendo reflexões de autores que percebem a necessidade de se ampliar a função pedagógica da biblioteca, construindo um novo paradigma educacional para esta e, assim, ampliando o conceito de educação de usuários e repensando o papel do bibliotecário no processo de aprendizagem (CAMPELLO; ABREU, 2005).

Segundo a literatura, o termo Competência Informacional apareceu em 1974, em trabalho de Paul Zurkowsky (DUDZIAK, 2003; MELO; ARAÚJO, 2007). Ele utilizou o termo *Information Skill* em um relatório para a *National Commission on Libraries and Information Science*, intitulado "*The information service environment, relationship and priorities*". Zurkowsky estava interessado em criar um plano decenal que fosse capaz de capacitar os estudantes para o consumo de produtos informacionais. "O termo *Information Skills* referia-se a pessoas capazes de resolver seus problemas de informação utilizando-se de fontes relevantes, onde se incluía a utilização de tecnologia" (MELO; ARAÚJO, 2007).

A competência informacional pretende movimentar a biblioteca e inseri-la realmente como ferramenta pedagógica dentro da escola, se mostrando como uma alternativa para a mudança da atual situação das bibliotecas escolares no Brasil. Contudo, a postura do bibliotecário, atuante nas bibliotecas escolares, também deve sofrer alterações, tomando para si o desafio de preparar os alunos para esse contexto de excesso informacional. Assim, se faz necessário romper com a noção de biblioteca como um mero apêndice da escola, tornando-a um espaço vital no processo de ensino-aprendizagem, tanto dos alunos quanto do coletivo da escola (DIAS; SANTOS, 2004). "Pode-se considerar que o letramento informacional constitui um passo à frente na trajetória da profissão bibliotecária, na busca de maior espaço para exercer seu papel educativo" (CAMPELLO, 2009a, p. 7).

O bibliotecário, principalmente aquele atuante no contexto escolar, deve estar disposto a servir como catalisador da informação, de forma dinâmica e integrada à atuação pedagógica dos docentes. O profissional atuante neste espaço deveria dominar, preferencialmente, não

apenas as técnicas biblioteconômicas, como ter noções da área de Educação. Esse preparo garantiria aos profissionais atuar de forma eficaz como educadores. Assumir o papel de educador é essencial para os bibliotecários.

PEREIRA (2010) aponta que há uma grande euforia ao se pensar a escola e a educação nessa sociedade contemporânea, na qual o sujeito deve ser preparado para se tornar cidadão, possuidor de habilidades que o capacitem a transitar pela Sociedade da Informação e seus vários cenários informacionais. Assim,

A Competência em Informação, como parte desse processo de desenvolvimento apresenta-se como mais uma das "ferramentas" que, de forma inclusiva, poderão contribuir significativamente para a formação dos Indivíduos dessa nova sociedade, capacitando-os a perceber, acessar e usar de forma efetiva o insumo básico da sociedade da informação, ou seja, a informação, em benefício próprio e de toda a comunidade na qual se insere (PEREIRA, 2010, p. 36).

Em sua atuação na biblioteca escolar o bibliotecário necessita, inicialmente, de sensibilizar e conquistar o usuário. Assim, predominam as ações que atraem a comunidade escolar para a biblioteca e a leitura.

Na Sociedade da Informação, onde realmente a informação é o centro das discussões, a biblioteca escolar pode servir como um centro para disseminação cultural, através de atividades como hora do conto, palestras, encontro com escritores, entre outros. Para tanto, deve apresentar um ambiente físico adequado e agradável, que venha a atrair os estudantes (FURTADO, 2004).

Diante de tantas questões, como destacam Castro e Calil Jr. (2014), os bibliotecários escolares devem estar atentos ao novo público que está nas escolas: os nativos digitais. Esses jovens necessitam de atenção diferenciada e ações voltadas para seu perfil. Trata-se de mais um desafio para os bibliotecários que atuam nas escolas.

Conforme dito anteriormente, estamos diante de uma geração de pessoas que já nasceram com a internet, os computadores e os videogames. É uma geração que domina bem a tecnologia, usa o celular, o tablet, o controle remoto da televisão.

Essa geração pode assumir diferentes denominações, segundo os diversos autores. Se a nomenclatura não está bem definida, as características desse grupo estão: são aqueles nascidos depois da invenção das tecnologias da informação e da comunicação, passam boa parte de seu tempo conectados, o que torna a diferenciação entre real e digital nem sempre clara.

Segundo Palfrey e Gasser (2011), os nativos digitais são aqueles nascidos após a

década de 1980, ou seja, quando a tecnologia online já estava disponível. Esses sujeitos têm acesso às tecnologias digitais e desenvolvem habilidade para usá-las. Contudo, essa relação com a tecnologia criou uma geração de sujeitos diferentes, como salientam os autores:

Eles estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. Provavelmente nem sabem como é um cartão de biblioteca, que dirá terem um; e, se tiverem, provavelmente nunca o usaram. Eles obtêm suas músicas online – com frequência de graça, ilegalmente – em vez de compra-las em lojas de discos. Mais provavelmente enviam uma Mensagem Instantânea em vez de pegarem o telefone para marcar um encontro mais tarde, à noite (PALFREY; GASSER, 2011, p. 12).

Lemos (2009) destaca que essa geração é formada por sujeitos que querem as informações de forma rápida e estão acostumados a multitarefas. Assim “os nativos digitais vivem imersos em diferentes comunidades de aprendizagens, abrindo várias janelas ao mesmo tempo” (LEMOS, 2009, p. 39).

A Ciência da Informação, principalmente a Biblioteconomia, ainda se debruçou pouco no tema de nativos digitais. A busca em bases de dados acusa poucos resultados, o que demonstra a necessidade de se refletir mais a respeito. Principalmente no caso da Biblioteca Escolar, que atua diretamente com esses novos sujeitos, é primordial compreendê-los e entender o que eles pensam sobre a biblioteca e o bibliotecário.

3 METODOLOGIA: A OBSERVAÇÃO E A ENTREVISTA ETNOGRÁFICAS

Compreender como pensa uma determinada população (ou geração, no nosso caso) não é das tarefas mais fáceis. A pesquisa em Ciências Sociais incorre no risco de o pesquisador se confundir com seu objeto pesquisado, requerendo, assim, um maior cuidado. Na busca de dados mais precisos, ou ao menos próximos, da realidade, propõe-se fazer uma pesquisa do ponto de vista etnográfico. Agrosino (2009) defini a etnografia como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (AGROSINO, 2009, p. 30).

Para tanto, alguns conceitos-chave dessa perspectiva serão trabalhados. O primeiro se refere à dicotomia proximidade/distanciamento. Trata-se de um movimento circular de entrar e sair dos contextos pessoal e estudado. Ou seja, o pesquisador caminha entre o seu contexto pessoal e o contexto onde se desenvolve a pesquisa, sempre de forma circular e contínua.

Outro conceito importante é o de reflexividade. Este conceito está presente no fazer,

no pensar, no seguir na perspectiva etnográfica. Quando reflete-se sobre a questão dos valores perspectivas e opiniões pessoais, gera-se um receio do pesquisador “contaminar” a pesquisa com sua subjetividade. A reflexividade ajuda a minimizar este receio, no momento em que essa possibilidade é trabalhada claramente pelo pesquisador.

A escrita etnográfica destaca a necessidade de se pensar na audiência e na contribuição do trabalho, questões que muitas vezes se perdem no decorrer do caminho de pesquisa. O pesquisador deve estar sempre atento a escrever de forma que o seus futuros leitores possam compreender suas ideias e, dessa forma, produzir novos conhecimentos (Wolcott, 1994; Spradley, 1979; Lea; Street, 1998). Wolcott (1994) descreve três níveis de escrita: a descrição, a análise e a interpretação. Esses níveis não organizam apenas o texto, mas o fazer e o raciocínio do pesquisador.

Já Spradley (1979) contribui ao destacar a importância do etnógrafo como tradutor entre o contexto pesquisado e o leitor. Suas orientações quanto a forma de entrevista etnográfica demonstra a especificidade da ferramenta, com uma forma de aproximação dos sujeitos mais sutil que uma entrevista comum. Dessa forma, o pesquisador tem a possibilidade de apreender mais a fundo as informações que o sujeito pesquisado possui.

Agrosino (2009) oferece uma boa explicação sobre o método etnográfico:

O método etnográfico é diferente de outros modos de fazer pesquisa em ciência social.

- Ele é *baseado na pesquisa de campo* (conduzido no local onde as pessoas vivem e não em laboratórios onde o pesquisador controla os elementos do comportamento a ser medido ou observado).
- É *personalizado* (conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto observadores das vidas em estudo).
- É *multifatorial* (conduzido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados – os quais podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa – para triangular uma conclusão, que pode ser considerada fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada).
- Ele requer um compromisso de *longo prazo*, ou seja, é conduzido por pesquisadores que pretendem interagir com as pessoas que eles estão estudando durante um longo período de tempo (embora o tempo exato possa variar, digamos, de algumas semanas a um ano ou mais).
- É *indutivo* (conduzido de modo a usar um acúmulo descritivo de detalhe para construir modelos gerais ou teorias explicativas, e não para testar hipóteses derivadas de outras teorias ou modelos existentes).
- É *dialógico* (conduzido por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas pelos informantes na medida em que elas vão se formando).

- É *holístico* (conduzido para revelar o retrato mais completo possível do grupo em estudo) (AGROSINO, 2009, p. 31)

A pesquisa de campo deve ser efetuada em um período de cerca de 01 (um) ano. A perspectiva etnográfica adotada para o desenvolvimento do trabalho requer referencial teórico consistente, que prepare para a entrada em campo. Após essa etapa de preparação iniciam-se as observações nas escolas selecionadas. Essas observações pretendem conhecer os espaços das bibliotecas, as ações e atitudes de professores, alunos, diretores, coordenadores e bibliotecários. Busca-se observar e tentar compreender o funcionamento desses equipamentos dentro da vida escolar. A coleta de dados será realizada através de notas de campo/diário de campo, gravações e, se autorizado, filmagens.

A observação do campo, como destaca Agrosino, deve registrar, no mínimo:

- Uma explicação do cenário específico (p. ex., escola, lar, igreja, loja);
- Uma relação dos participantes (número, características gerais, p. ex., idades, gêneros);
- Descrições dos participantes (feitas da forma mais objetiva possível: “O homem vestia calças rasgadas e sujas”, não “O homem parecia pobre”);
- Cronologia de eventos;
- Descrições de cenário físico e de todos os objetos materiais dentro dele (detalhadamente, sem pressupor coisa alguma);
- Descrições de comportamentos e interações (evitando interpretações: “o homem chorava e batia na cabeça com os punhos”, não “o homem parecia descontrolado” – especialmente se não for possível gravar em vídeo);
- Registros de conversas ou de outras interações verbais (tão verbais quanto possível, especialmente se não for possível ou desejável ligar um gravador) (AGROSINO, 2009, p.59).

Após concluído o período de observação, pretende-se entrevistar um número x de alunos nas duas escolas analisadas. A partir das premissas da entrevista etnográfica, foi elaborado um roteiro a fim de buscar compreender esses nativos digitais, registrando o que eles pensam sobre suas práticas informacionais e, principalmente, sobre a Biblioteca Escolar. Como dito anteriormente, a entrevista etnográfica procura abordar o entrevistado de forma sutil, possibilitando ao pesquisador obter informações mais profundas (SPRADLEY, 1979).

O roteiro de entrevista contém 05 blocos de questões contendo os seguintes temas:

- Entrando no mundo do aluno: onde era traçado um breve perfil do mesmo;
- Entrando no mundo do aluno na escola: onde se buscava conhecer a relação do

entrevistado com a escola;

- O aluno e a biblioteca: onde se busca compreender a relação do aluno com a instituição biblioteca, inclusive a escolar;
- A relação do aluno com a informação: onde o aluno é estimulado a falar das suas práticas informacionais;
- A biblioteca ideal para esse aluno: onde a palavra é do aluno para idealizar a instituição biblioteca escolar.

Os resultados a seguir descritos refletem os resultados preliminares da entrevista realizada com um nativo digital. Apesar de inicialmente ser um roteiro com muitas questões, a entrevista foi realizada como uma conversa. Era perceptível a preocupação do aluno quanto as suas respostas. Em muitos momentos o entrevistado questionava a necessidade de ser “ser sincero, mas sincero mesmo?”, o que demonstrou o constrangimento para responder sobre o gostar de estudar e a frequência à biblioteca.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Os dados preliminares são de um aluno do Ensino Médio, de escola particular, de 16 anos. Trata-se de um perfil de aluno comum nessa faixa escolar. Ao ser questionado sobre a forma de escolha pela escola em que estuda, o mesmo destacou a questão da localização. Por ser mais próximo a sua casa, a escola foi escolhida. Pode-se inferir que a qualidade ou a forma de ensino da instituição não foram preponderantes para a seleção da escola, ao menos por parte do aluno.

Ao entrar no bloco de questões sobre a relação do aluno com a escola, percebeu-se que o pesquisado não demonstrou muito interesse pela escola e pelas atividades desenvolvidas lá, o que pode-se inferir que há uma lacuna. O entrevistado demonstrou não gostar de determinadas disciplinas ministradas na escola. Contudo, o mesmo frisou que, apesar de ter algumas “matérias chatas, muito chatas”, os professores possuem boa interação e relacionamento com os alunos.

Quanto a relação do entrevistado com a biblioteca da sua escola, percebe-se um distanciamento. Seu envolvimento é bastante restrito e o espaço visto como local de busca por livros de literatura, restrito ao exigido pelo professor e como último caso. Ao ter os livros de

literatura solicitados, procura em outros lugares primeiro e no caso não encontre, ele vai à biblioteca. Nesse ponto, o entrevistado reclamou que a biblioteca possui poucos exemplares dos livros solicitados, o que gera uma fila de espera. Essa foi uma das razões que ele declarou para não usar a biblioteca da escola.

O entrevistado não demonstrou ter relação de afinidade ou de afetividade com a biblioteca da sua atual escola. Citou que na escola onde estudava anteriormente a biblioteca era maior e com mais livros. Na escola anterior também os professores desenvolviam atividades na biblioteca, tanto de leitura quanto de pesquisa, o que estimulava o uso por parte dos alunos. Na atual escola não existem tais atividades.

A relação do jovem com a informação é bastante mediada pela tecnologia, sendo que o computador e o celular são fontes tanto de informação quanto local de socialização. O entrevistado usa bastante o computador, seja para jogar, ou para se relacionar com os amigos. O entrevistado se disse curioso, mas só faz pesquisas caso seja solicitado pelo professor. Neste bloco deixou claro que gosta de ler, mas tem preferência por determinados gêneros, como ação e aventura, o que, segundo ele, não encontra na biblioteca da escola.

Se o uso do computador se mostrou intenso, o mesmo não se pode dizer da televisão. Apesar de estarmos habituados a ouvir que essa geração cresceu na frente da televisão, esse meio de comunicação não foi impactante na fala do entrevistado. Das fontes de informação onde busca se atualizar, citou “eu costumo ou ver as capas de jornais em banca de revista... ou ouvir notícias pela televisão barra rádio (sic)... ou internet, que fica atualizando em tempo real, e só... e diálogo também, conversando com as pessoas”. Mas seus interesses são sobre os jogos. Pela fala do entrevistado pode-se imaginar que citar capas de jornais, noticiários de rádio e televisão é mais uma questão de estereótipo que de realidade. Ficou a impressão que o entrevistado respondeu àquilo que lhe é dito e não o que realmente faz.

Seus interesses, como já dito, são pelos jogos, tendo a internet como fonte primordial de informação. O celular, para esse entrevistado é para comunicação, seja através de ligações ou da internet. O uso dos equipamentos, segundo o entrevistado, é em grande maioria em casa. Segundo o aluno, quando o computador é utilizado na escola é geralmente em dupla e ele não se interessa em realizar a tarefa, deixando o manuseio do equipamento por parte de seu parceiro.

O uso do computador fora do ambiente da escola, segundo o entrevistado, é bastante intenso. Segundo ele, usa para praticamente tudo: para jogar, ver vídeos, ouvir música,

conversar, ler notícias. Ou seja, como destacado por Palfrey e Gasser (2011), os nativos digitais fazem praticamente tudo mediado pela tecnologia.

Ao dar a chance do entrevistado descrever sua biblioteca ideal veio a dificuldade em se expressar. Essa parece também ser uma característica desses jovens. Expor-se mediado pela tecnologia parece ser mais fácil que colocar seu ponto de vista pessoalmente.

Depois de um pequeno período de silêncio, o entrevistado logo informou que a primeira coisa que mudaria na biblioteca seria a questão tecnológica. O espaço seria dotado de computadores e internet modernos.

Mas alguns pontos se mostraram bastante interessantes. O primeiro diz respeito a normas. Ainda que tenha em outro tópico reclamado da norma do silêncio, o mesmo entende que é necessário ter normas no espaço, bem como uma pessoa para controlar o que é feito. Contudo, para contornar o problema da norma do silêncio foi sugerido que a biblioteca tivesse dois espaços distintos: um do silêncio e outro do barulho. Na visão do entrevistado, a conversa é necessária em certos momentos, inclusive para busca de orientações com o profissional da biblioteca e a troca de impressões com os colegas sobre os livros disponíveis.

Como se pode imaginar, um aluno nativo digital, que está cercado de tecnologia desde o nascimento, descreve que na biblioteca ideal teriam aparelhos eletrônicos e, principalmente, “computadores mais modernos” e “uma internet boa para acompanhar os computadores”. O entrevistado ainda cita, em tom de crítica, que “toda biblioteca que tem computador ou sala de informática a internet é horrível”. Apesar de destacar a necessidade da tecnologia na biblioteca ideal, o entrevistado relatou que prefere o livro tradicional de literatura aos e-books.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se dispôs a analisar os dados preliminares da pesquisa de doutoramento em Ciência da Informação que, com o uso das premissas etnográficas, inclusive a entrevista, pretende conhecer os nativos digitais para compreender como eles se relacionam com a informação e, principalmente, com a biblioteca escolar. Diante da nova realidade, estabelecida pela tecnologia, a biblioteca escolar pode ter sua importância questionada no contexto educacional, mas está em momento de rever suas práticas para adequá-las a esses novos usuários.

A partir da entrevista foi possível verificar a distância entre a biblioteca escolar e o aluno. O uso desse espaço se mostrou restrito e quando ocorre é por obrigação. Na fala do

entrevistado não se nota uma importância no uso da biblioteca e sequer uma utilidade para tal.

Apesar do pouco uso da biblioteca, o entrevistado se mostrou leitor e se considera usuário de informação, muitas vezes mediada pela tecnologia. A análise dos dados coletados mostra realmente a necessidade da biblioteca rever sua atuação. Como salientado por autores previamente apresentados o pouco conhecimento por parte dos professores das possibilidades da biblioteca escolar faz com que estes não consigam colaborar para que os alunos utilizem esse espaço. Essa relação fica clara no momento em que o entrevistado diz preferir a biblioteca da escola anterior, onde os professores desenvolviam atividades nesse espaço.

Dentre as sugestões do entrevistado, o incremento tecnológico do espaço conviveria em harmonia com o acervo de livros no formato tradicional, ou seja, impresso. Ainda que demonstre utilizar o computador para praticamente tudo, o entrevistado deixou claro sua preferência pelo livro impresso ao e-book. Ou seja, não é o propagado fim do livro. O que pode-se notar são diferentes formatos para diferentes funções. A literatura de fruição ainda é preferida no meio impresso, enquanto a literatura de formação, a pesquisa, ganhou o espaço do digital.

O uso da entrevista etnográfica se mostrou promissor, contudo, percebe-se que será necessário complementar as questões para apreender os gostos e interesses desses nativos digitais. Foi notória a dificuldade de se aprofundar nas respostas por parte do entrevistado. A capacidade de pensar em uma biblioteca ideal foi nítida. A maioria das respostas foi bem curta, objetiva, quase monossilábica. Uma parte dessa dificuldade, conforme a etnografia, poderá ser enfrentada com os períodos de observação nos ambientes da biblioteca da escola. Mas, certamente, o roteiro de entrevista será adaptado e aprimorado com o desenvolvimento da coleta de dados.

Pode-se concluir que ainda há uma distância entre a biblioteca escolar e os nativos digitais que poderá ser superada a partir da ação do próprio bibliotecário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam Cristina. **A integração bibliotecário-professor no Brasil: o estado da arte.** 1992. [105]f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica De Campinas, Campinas, 1992.

BRASIL. Congresso. Lei n.º 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 maio 2010. Seção 1, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009a. (Coleção Biblioteca Escolar)

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico.** 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009b.

CASTRO, Jaqueline F.S. de. **Nativos Digitais na biblioteca escolar: programas de letramento informacional para o ensino médio.** 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information literacy: princípios, filosofia e prática.* **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, /abr, 2003.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. ANAIS DO SEGUNDO SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 15/04/2015.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem.** Brasília: Editora FCI/UnB, 2012. 181 p.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico.** Brasília: INEP, 2014.

LEMOS, Silvana. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009.

MELO, Ana Virgínia Chaves de; ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14/04/2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2006. 118 p.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PEREIRA, Rodrigo. **Aplicação da competência em informação no contexto Escolar: uma experiência no Colégio Militar de Campo Grande – MS.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista / UNESP, Marília, 2010.

SILVA, Mônica do Amparo. **Biblioteca escolar e professor: duas faces da mesma moeda?** Investigação sobre a interação entre a biblioteca escolar e o professor do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino. 2001. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SPRADLEY, James P. **The ethnographic interview**. New York: Harcourt College Publishers, 1979.

UNESCO/IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. 2009. Disponível em: < <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10/10/2015.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, jan/abr. 1990, p. 15-24.